

O discurso pluriverso da ativista indígena Sonia Guajajara e a interseccionalidade cosmopolítica no movimento indígena

*Danielle Lima Costa*¹

*Luiz Augusto Sousa Nascimento*²

Instituto Federal do Maranhão

Resumo: Os povos originários do Brasil ao longo dos processos intersocietários foram reduzidos pelo domínio colonial a sujeitos tutelados, quando a estrutura política do Estado impôs o aniquilamento pleno do exercício político aos indígenas, estabelecendo o cerceamento aos direitos fundamentais da condição humana. A partir da Constituição Federal brasileira de 1988, o Estado brasileiro pela primeira vez na história estabeleceu aos povos indígenas, o fim da tutela, ascendendo à emancipação dos povos indígenas como sujeitos políticos de direito. Nesse contexto, muitas lideranças indígenas protagonizaram diferentes lutas contra o seu antigo tutor - o Estado. As mulheres indígenas gradativamente passaram a ocupar espaço no cenário político nacional, rompendo o mundo de dominação masculina e as barreiras intrínsecas das chefias locais pautadas no cacicado. Nossa pesquisa visou compreender o papel político da liderança feminina Sonia Guajajara, analisando seus principais discursos na perspectiva de destacar a constância da interseccionalidade retórica entre cosmopolítica e etnopolítica. Metodologicamente, recorreremos aos discursos públicos e privados, bem como os restritos à vida aldeã e às falas do cotidiano proferidos por ela ao longo dos últimos dez anos em diferentes cenários.

Palavras-chave: Sonia Guajajara; políticas étnicas; cosmopolítica; tentehar.

COSTA, Danielle Lima; NASCIMENTO, Luiz Augusto Sousa. O discurso pluriverso da ativista indígena Sonia Guajajara e a interseccionalidade cosmopolítica no movimento indígena. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (25): 107-120, janeiro a abril de 2024. ISSN: 2358-5587

¹ Mestrado em Cultura e Sociedade pelo PPGCULT/UFMA, professora EBTT/CCH/IFMA, membro do NE-ABI/IFMA/CCH.

² Doutor em antropologia Social pelo PPGAS/UFSCar, professor do IFMA/CCH, pesquisador associado ao Centro de Trabalho Indigenista (CTI), coordenador do laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (IFMA/CNPq), Bolsista de Produtividade Científica (PRPGI/IFMA).

The pluriverse discourse of indigenous activist Sonia Guajajara and cosmopolitical intersectionality in the indigenous movement

Abstract: The original peoples of Brazil, throughout the intersocietal processes, were reduced by colonial rule to protected subjects, when the political structure of the State imposed the full annihilation of the political exercise to the indigenous people, establishing a restriction on the fundamental rights of the human condition. From the Brazilian Federal Constitution of 1988, the Brazilian State for the first time in history established the end of guardianship for indigenous peoples, ascending to the emancipation of indigenous peoples as political subjects of law. In this context, many indigenous leaders carried out different struggles against their former tutor - the State. Indigenous women gradually began to occupy space in the national political scenario, breaking the world of male domination and the intrinsic barriers of local chiefs guided by the cacicado. Our research aimed to understand the political role of the female leader Sônia Guajajara, analyzing her main speeches in the perspective of highlighting the constancy of the rhetorical intersectionality between cosmopolitics and ethnopoltics. Methodologically, we will resort to public and private speeches, as well as those restricted to village life and everyday speeches uttered by her over the last five years in different scenarios.

Keywords: Sonia Guajajara; ethnic policies; cosmopolitics; tentehar.

El discurso pluriverso de la activista indígena Sonia Guajajara y la interseccionalidad cosmopolítica en el movimiento indígena

Resumen: Los pueblos originarios de Brasil a lo largo de procesos intersociedades fueron reducidos por el dominio colonial a sujetos protegidos, cuando la estructura política del Estado impuso el aniquilamiento total del ejercicio político a los indígenas, estableciendo la restricción de los derechos fundamentales de la condición humana. A partir de la Constitución Federal brasileña de 1988, el Estado brasileño, por primera vez en la historia, estableció el fin de la tutela de los pueblos indígenas, ascendiendo a la emancipación de los pueblos indígenas como sujetos políticos de derecho. En este contexto, muchos líderes indígenas lideraron diferentes luchas contra su antiguo tutor: el Estado. Las mujeres indígenas comenzaron gradualmente a ocupar espacio en la escena política nacional, rompiendo el mundo de la dominación masculina y las barreras intrínsecas de los cacicazgos locales basados en el cacicazgo. Nuestra investigación tuvo como objetivo comprender el papel político de la líder femenina Sonia Guajajara, analizando sus principales discursos desde la perspectiva de resaltar la constancia de la interseccionalidad retórica entre cosmopolítica y etnopolítica.

Palabras clave: Sonia Guajajara; políticas étnicas; cosmopolítica; tenetehar.

As mulheres indígenas aparecem na maioria dos estudos etnológicos como agentes secundárias cujo lugar de fala esteve localizado na periferia da vida cotidiana ou quando, na maioria das vezes, retratadas como vinculadas aos trabalhos domésticos e aos cuidados com os rituais e cerimoniais locais. Não obstante, não podemos generalizar que as mulheres sempre foram submissas, mas observar que existem casos, por exemplo, como nas sociedades Jê-timbira (CUNHA, 1978; LADEIRA, 1982; NASCIMENTO, 2016) em que as mulheres mantêm um papel político fundamental na política local e nas relações intersocietárias, pois quando finda uma reunião pública de homens no pátio de uma aldeia timbira denominada kà, eles – os homens – se recolhem para as suas respectivas incré [casa] para partilhar com as mulheres o debate estabelecido, quando, somente após aconselhar-se com sua “dona”, confirmam suas decisões no kà; tais reuniões acontecem todos os dias, sendo uma ao nascer do sol e a outra ao poente, estratégias que permitem a circulação das informações em outros espaços, inclusive, na periferia da aldeia. Com pequenas diferenças, entre os Tentehar/Guajajara³, a fala das mulheres, por sinal, é muito prestigiada tanto na periferia doméstica quanto no âmbito da família extensa, bem como em reuniões coletivas gerais entre aldeias, tornando-se o discurso delas notoriedade pública e demonstrando o poder da fala das mulheres Tentehar⁴.

Este ensaio apresenta o empoderamento e o protagonismo da ativista e líder indígena Sonia Guajajara, que nos últimos anos vem se destacando pelo seu ativismo político em diferentes cenários nacionais e internacionais, sendo eleita nas eleições gerais de 2022 deputada federal pelo Estado de São Paulo e ocupando o recém-criado Ministério dos Povos Indígenas. Sonia Guajajara pertence ao povo Tentehar, grupo falante de língua tupi que habita territórios nas regiões oeste e centro-sul do Estado do Maranhão. Os Tentehar constituem a maior população indígena presente no território maranhense. Eles mantiveram contato com outsiders desde o século XVIII e diferentes pesquisadores (WAGLEY & GALVÃO, 1955; GALVÃO, 1996; GOMES, 2002; ZANONNI, 1999; CARVALHO, 2016; ALMEIDA, 2019) já visitaram suas aldeias. Todavia, atualmente os Tentehar são seus próprios pesquisadores, pois existem pessoas entre o grupo com formação acadêmica de graduados, mestres e doutores, inclusive, Sonia Guajajara possui duas formações acadêmicas, Letras e Enfermagem, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

O intento do ensaio é analisar alguns discursos proferido por Sônia Guajajara em esferas diferentes e demonstrar o quão a sua retórica corresponde a distintas maneiras de observar, sentir, habitar e cuidar do mundo. Foram selecionados dez discursos e algumas falas informais coletados nas redes sociais: Acampamento Terra Indígena, 2018, 2019 e 2020; discurso na APIB, em 2019; Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, em 2019, discurso na ONU (2020); discurso na COP26;

³ Wagley e Galvão (1955) grafam Tenetehara, todavia Sonia Guajajara e a maioria dos Guajajara grafam o nome do povo Tentehar. Ao logo do texto, vamos escrever Tentehar.

⁴ São poucos os mitos e narrativas em que as mulheres tentehar aparecem como protagonistas. É o caso do mito “O Tenetehara e a filha do gavião”, narrado por Wagley e Galvão (1955), em que muitas peripécias arroladas pelas mulheres sempre aparecem como transgressoras da ordem local.

discursos durante reunião da SBPC, em 2015; discursos de posse como ministra, em 2022; discurso do Dia dos Povos Indígenas (2022) e discursos livres no YouTube.

O propósito do ensaio é provocar debates acerca dos aspectos estruturantes dos discursos proferidos por ela, correlacionando-os às proposições cosmopolíticas (STENGERS, 2010; 2018) e às estratégias etnopolíticas ou de política étnica (CADENA, 2018; 2019) inseridos analiticamente numa perspectiva do conhecimento pluriverso. A perspectiva pluriverso pode ser entendida como um conjunto de elementos associados, tais como a arte de falar com todos os tipos de gente, as diferentes formas que se estabelecem com as coisas do cosmos (montanhas, rios, estrelas, chuva, nuvens, praias, enseadas, peixes, plantas etc.) e os campos relacionais a diferentes bases epistemológicas. Dentro desse contexto, enquadra-se a maioria dos discursos da ativista indígena.

Para melhor compreensão, o texto foi organizado em três sessões: na primeira, lançamos luz sobre a compreensão da noção do “discurso” sob diferentes óticas. Em seguida, o debate epistemológico acerca das proposições cosmopolíticas e etnopolíticas, para somente então correlacionar os encaixes interseccionais do discurso dentro das perspectivas do pluriverso. Nesse contexto, o plano de interseccionalidade do discurso de Sonia Guajajara pode ser central na concepção a partir da qual os Tentehar traduzem aos gêmeos Maira’yr e Mucura’yr, cujas peripécias se arrolam em estratégias para seguir suas trajetórias, as contradições e os paradoxos apresentados nos diferentes mundos (WAGLEY e GALVÃO, 1955). Seguir esses caminhos paradoxais é o nosso intento.

“Minha fala ecoa aos meus ancestrais”: perspectiva do discurso e as diferentes ontologias

No ano de 2001, quando conversava com a professora Ana Cleide Guajajara, acerca do poder da fala entre os Tentehar, ela me respondeu com essas suscintas palavras que abrem o enunciado do tópico: *“minha fala ecoa aos meus ancestrais”*. E prosseguiu: *“mas para isso, tem que ter dom e muita dedicação”*. Essas proposições respingaram na mulher Tentehar Sônia Guajajara, como fez alusão sua tia durante uma roda de conversa:

Soninha, os caminhos e as veredas são longos e cheios de desafios, tu vai (sic) andar por baixo, por cima, voando, porque tu vai ser uma representante, não vai ficar só aqui. Não é todo dia que vou jogando os dons. Eu não sou pajé, mas simplesmente uma parteira. Mas uma parteira de muito conhecimento natural e sobrenatural, porque oro muito a Deus. Via a Soninha estudar, é uma índia Guajajara inteligente. Senti que ela poderia nos representar, porque é uma mulher Tentehar corajosa e seria capaz de lutar pela nossa gente e por todos que precisam. (Maria Santana Guajajara, tia de Sônia Guajajara, proferido no dia dos Povos Indígenas no Centro de Cultura Odilyo Costa Filho, - CCOCF, São Luís, 2015)

Passou-se mais de uma década entre o discurso proferido pela professora Ana Cleide Guajajara e a repetição do mesmo pela ativista indígena Sonia Guajajara, durante a 67ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Na mesa estava a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, em cuja arguição usou o enunciado proferido pela indígena para ressaltar a importância de compreender outras falas, outras ontologias que não sejam somente as eurocênicas/logocênicas, ou seja, a antropóloga chamou atenção para a importância das ontologias indígenas necessárias para orientações e reflexões.

A gente continua vendo resistência em relação à questão dos conhecimentos tradicionais. Resistência que inclusive se manifesta há muitos anos na ideia de que, por exemplo, na questão dos princípios ativos, há cientistas naturais ilustres na SBPC que opinam que talvez os índios conheçam atividade biológica de certas plantas ou animais, mas que eles não sabem para que serve de verdade. O que é uma maneira de desmerecer um enorme cabedal de conhecimentos, não só de princípios ativos, mas de processos extraordinariamente complicados. (67ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – UFSCar, 2015)

Os Tentehar concebem a produção de conhecimentos e toda a sua difusão pelos ancestrais, no entanto, nem todos conseguem ecoar os ensinamentos de maneira consistente e persuasiva quanto às mulheres.

Esse maracá vai ecoar e você será a porta-voz do nosso povo." Então hoje, eu quero dizer para vocês, que aquela Sônia que para estudar trabalhou em casa de família como babá e "empregada doméstica" assim como era chamada essa profissão na época, está aqui, nomeada para o cargo de Ministra de Estado dos Povos Indígenas do Brasil. Se estou aqui hoje, é graças à força ancestral e espiritual de meu povo Guajajara Tentehar, graças à resistência secular da luta dos povos indígenas do Brasil, graças também à minha persistência de nunca desistir. (Discurso de posse no Ministério dos Povos Indígenas, 2022)

Desse modo, o eco discursivo dos ancestrais está fincado nos corpos de mulheres Tentehar que reproduzem sabedorias? O que esses ecos ancestrais revelam e qual importância para o discurso? De acordo com Ana Cleide Guajajara, as mulheres Tentehar sabem conversar melhor do que os homens, pois antigamente as mulheres possuíam o poder da fala e conversavam com diferentes tipos de “gentes” que lhes transmitiam sabedorias e orientações de bem-viver e cuidar do mundo. É através da fala que os Tentehar se potencializam para transitar em diferentes mundos. Mas, afinal, o que é a fala e o que é o discurso?

Para a lexicografia, o discurso é um conjunto de enunciados que envolvem a comunicação dentro de um determinado contexto e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala. Quanto à fala, na narração, pode vir de três formas: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Para Foucault (1971: 43), a noção de discurso é empregada como um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo-espço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciada. Foucault (*idem*) faz uma proposição instigante que respinga nos discursos da líder indígena Sonia Guajajara:

Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. (FOUCAULT, 1996: 32)

Mas o que há assim de tão perigoso em as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo? Está nos ancestrais que proíbem alguns enunciados ou está na estrutura política dos Tentehar? Almeida (2019); estabelece um debate em que define que as lideranças Tentehar apresentam discursos prontos acerca da “preservação dos costumes e das tradições” do seu povo conforme o interlocutor interessado. Assim, o discurso pode variar se o interlocutor é um agente governamental ou de agência não governamental, bem como aliado ou inimigo. De acordo com Foucault (1996), essa

situação é intrínseca aos sujeitos políticos, onde se disciplina o que se pode dialogar e o que se pode retrucar possibilitando a construção do edifício discursivo:

Eu sei perfeitamente que a separação que tenho vindo a fazer entre rituais da fala, sociedades de discurso, grupos doutrinários e apropriações sociais, é demasiado abstrata. Na maior parte das vezes estão ligados uns aos outros e são como grandes edifícios que asseguram a distribuição dos sujeitos falantes nos diferentes tipos de discurso e asseguram a apropriação dos discursos a certas categorias de sujeitos. (FOUCAULT, 1996: 38)

Nessas perspectivas, coaduno com o *insight* de Almeida (2019: 105), quando assegura que “a própria relação entre discurso e prática Tentehar surge como um elemento de sagacidade, pois os olhos leigos não percebem a manipulação das impressões aí contida”. Nesse sentido, os discursos podem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem, como fica explícito no discurso proferido por Sonia Guajajara durante a cúpula do clima na ONU no ano de 2022:

Quem queima não são só as árvores, o solo, o ar, os rios. Somos também nós, o povo da floresta. Queima a nossa história e as nossas formas de viver. [...] Estamos na construção do bem-viver para todas as sociedades e equilíbrio do meio ambiente. Nós vamos seguindo lutando, e queremos lutar junto com vocês porque a luta pela Mãe Terra é a mãe de todas as lutas! (Discursos na cúpula do clima da ONU, 2022)

Esse tipo de discurso em que existem diferentes justaposições de *modus operandi* generalizantes, exclui e respinga em alguém, mas também ameniza e centraliza todos em numa mesma causa, jogo narrativo bem articulado entre cosmopolítica e etnopolítica muito recorrente nas falas da ativista indígena. Portanto, o discurso é um elemento central na vida social dos Tentehar-Guajajara, uma vez que permite a comunicação entre diferentes “gentes” e seres abióticos, para os quais o dom da fala estabelece uma capacidade relacional e diversas possibilidades de mobilização potencial cujas fontes são as ontologias regidas pelos ancestrais.

É muito urgente que o mundo inteiro perceba que a terra grita por socorro, que a crise da água não é uma crise do futuro. É uma crise de agora, provocada por esse modelo predador. Então nós, indígenas, estamos há milênios trazendo essa mensagem dos nossos ancestrais de que a natureza já não se sustenta mais por 50 anos se a gente seguir nesse ritmo. (Sonia Guajajara, Brasil, abril de 2019)

Nesse discurso, novamente o recurso da justaposição é marcante, os efeitos metafóricos atenuantes, bem como os recursos dos ecos dos ancestrais⁵, quando estabelecem uma projeção do mundo se aliando aos argumentos dos cientistas ocidentais que apresentam um diagnóstico em que existe uma crise climática global no planeta Terra que caracteriza a Era Antropocena que Sonia Guajajara pauta como uma questão relevante do movimento indígena e generaliza que todos precisam apoiar a causa.

Até quando você será conivente com essa matança? Mas estamos aqui para dizer que nós somos a resistência viva. Lutamos por nós e pelo meio ambiente, que está sendo brutalmente atacado. Querem legalizar a mineração, o desmatamento, as hidrelétricas e, com isso, o genocídio. Vocês não podem ser indiferentes a tudo isso. Se você não quer se sensibilizar com a luta, a causa indígena, lute por você mesmo, pela sua vida. Defenda o meio ambiente. Defenda a mãe natureza. Defenda a mãe terra, porque é ela que gera vida. No dia em que não houver mais espaço para nossa cultura, nossa identidade, não haverá lugar para mais ninguém. (Entrevista em amazonialatitude.com, dezembro de 2017)

⁵ Os anciãos e anciãs Tentehar fazem questão de enfatizar que o pensamento dos demiurgos e o pensamento dos seus ancestrais são *itio in partes*.

Para a ativista indígena, os ensinamentos dos ancestrais se justapõem aos seus conhecimentos adquiridos no âmbito acadêmico, mas também a sua escola política, que é o movimento indígena, no qual ela foi inserida de forma simbiótica quando já havia recebido seu “dom” herdado dos ancestrais e ter a “política como vocação”, no sentido weberiano fazer movimento. Como ela mesma gosta de enfatizar, “o movimento indígena” sempre a realizou bastante, pois para ela o movimento garante a liberdade de bater, pressionar, organizar grandes mobilizações e isso é o que ela gosta de fazer. Todavia, não foi fácil se inserir dentro do movimento por causa de diferentes fatores, inclusive o ser mulher, mas Sonia Guajajara chegou ao movimento na onda do protagonismo feminino mundial que estabelecia a necessidade de mulheres ocuparem espaços de poder dentro de uma sociedade de dominação masculina.

Aranha (2020) ressalta que alguns povos indígenas atualmente estabeleceram novas relações em um contexto cada vez maior de valorização e protagonismo de jovens mulheres, de abertura e conquista de espaços de fala e atuação política no âmbito da “comunidade”, isto é, para além do grupo de parentesco nuclear e, em alguns casos, “para fora” dele, em eventos a um só tempo diplomáticos e de resistência contra o Estado, antes majoritariamente ocupados ou protagonizados por figuras masculinas e/ou mais velhas e experientes⁶.

A ativista indígena reuniu diferentes orientações epistemológicas, que impulsionadas pelo seu “dom de mulher Tentehar da fala”, articulam discursos dinâmicos interseccionados e imbricados pelas características paradoxais do ser Tentehar muito bem demonstrados nas narrativas míticas e na vida política dos Tentehar-Guajajara, assentados nos aspectos intrínsecos da organização social do seu povo, como bem expressou Sônia em seu discurso de posse como ministra do Ministério dos Povos Indígenas:

Permitam-me voltar a um passado recente de minha história para compartilhar uma memória com vocês. Quando eu tinha 17 anos, fui chamada por minha tia Maria Santana para conversar. Tia Maria é parteira e uma respeitada liderança espiritual. Como não foi um convite qualquer, eu pensei: "O que será que a tia Maria quer?". Subi na garupa de uma moto e fui até a Aldeia Lagoa Quieta, no território indígena Araribóia, para encontrar com ela. Chegando, vi tia Maria me esperando com dois presentes, um colar e um maracá. Ela então me olhou e disse com aquela voz serena: "Ô fia, quero te entregar esses presentes que são símbolos de liderança. E eu passo a você, o poder da palavra. Você vai ter o dom da comunicação, todo mundo vai te ouvir. Você vai crescer e tudo que você tiver para falar vão te escutar." (Discurso de posse no Ministério dos Povos Indígenas, 2022)

Sonia Guajajara aprendeu a viver entre mundos, assim como *Maira* e seus paradoxos, que gerou muitas das percepções de mundo e das incompletudes para os Tentehar no processo de “*transition culture*”, diferentemente do entendimento de Wagley & Galvão (1955), que apostavam na integração gradativa dos Tentehar à sociedade nacional, quando, na verdade, os Tentehar adotam as estratégias de ir ao encontro do outro para saber fazer a política do outro, mas sem perder as suas bases de referências ontológicas; por isso a interseccionalidade no discurso Tentehar é eminente.

⁶ É importante lembrar, como ressalta Aranha (2020: 68), que as etnografias clássicas sobre chefia indígena, no entanto, omitem a contribuição das mulheres nessa esfera, daí as extensas lacunas teórico-etnográficas não apenas sobre a posição das mulheres indígenas como lideranças, mas também sobre as mulheres indígenas em geral. A prolongada ênfase dos estudos etnográficos, por exemplo, é na importância dos homens enquanto aqueles que falam, considerados como os únicos agentes políticos.

É importante saberem que nós existimos de muitas e diferentes formas. Estamos nas cidades, nas aldeias, nas florestas, exercendo os mais diversos ofícios que vocês puderem imaginar. Vivemos no mesmo tempo e espaço que qualquer um de vocês, somos contemporâneos deste presente e vamos construir o Brasil do futuro, porque o futuro do planeta é ancestral! (Discurso de posse, Ministério dos Povos Indígena, 2022)

O discurso Tentehar comunica com as proposições de Stengers (2010), quando assevera que o adjetivo “ancestral”, muito recorrente na fala dos Tentehar, não mais designam referências que estabelecem identidade, mas caracteriza o operador lógico que maneja diferentes práticas, através das quais se definem e se transmitem conhecimentos dos cosmos, da vida cotidiana e das políticas que ultrapassam as fronteiras das aldeias e que se tornaram pautas globais:

Nós não somos os únicos que necessitam aqui viver. Nós apenas coabitamos a mãe Terra junto com milhões de outras espécies. O desprezo por essas outras formas de vida, as práticas de desmatamento intenso feitas sempre em nome da economia de curto prazo, têm efeitos devastadores para o futuro de todos nós. As alterações no uso do solo provocam um grande desequilíbrio em nosso ecossistema, que impactam diversas espécies causando profundas transformações, inclusive, as grandes epidemias. (Discurso de posse no Ministério dos Povos Indígenas, 2022)

Esse discurso é bem representativo para nossa análise, pois há uma interseccionalidade explícita entre cosmopolítica, etnopolítica e, sobretudo, o fator da pluralização da política resultante de diferentes frentes forjadas por situações limiars, buscando explicações em diferentes bases epistemológicas, sejam nas ciências logocêntricas/ocidentais, sejam nas ontologias indígenas.

A interseccionalidade cosmopolítica e etnopolítica do discurso

As noções de cosmopolítica e etnopolítica são frutíferas para análises de diferentes situações em que são consideradas partes conectadas perante o cosmos e os diferentes tipos de gente que habita a terra, bem como são plausíveis para a compreensão das diferentes realidades construídas a partir de bases epistemológicas peculiares, como bem usadas nos discursos da ativista Sonia Guajajara.

Na obra “*Cosmopolitics*”, a filósofa Isabelle Stengers esboça os pressupostos das proposições cosmopolíticas. Nessa obra de densidade teórica, Stengers (2010) apresenta um corpo robusto de reflexões acerca do seu entendimento da categoria cosmopolítica, utilizando diferentes enfoques analíticos (filosóficos, antropológicos, ecológicos e sociológicos), assim como desconstrói algumas perspectivas paradoxais que se assentam em postulados filosóficos pautados nos ideais racionalistas/iluministas, que fizeram emergir a ciência logocêntrica ocidental como padrão de explicação para todas as coisas do mundo, silenciando, dessa maneira, outras ontologias seculares. Outrossim, ela parte da ideia da necessidade de desacelerar a supremacia da ciência logocêntrica. Nesse sentido, Stengers (2010), busca compreender cosmopolítica como processo de desacelerar a supremacia da presunção da razão ocidental. A autora (Id. Ibid.), estabelece uma visão ampliada da crítica da política moderna, que inclui uma espécie de controle de pensamento pelos vieses da suposta ideia da supremacia da racionalidade europeia perante outras “gentes” alhures, sobretudo, das Américas, Ásia, África e Oceania.

As proposições cosmopolíticas de Isabelle Stengers (2010; 2018) acenam para pontos convergentes ao debate sobre a importância de compreender outras

bases epistemológicas que entram em xeque com algumas perspectivas logocêntricas/racionalistas ocidentais, assim como a autora (*idem*) reintroduz o debate clássico da antropologia relacionado às rupturas de fronteiras entre natureza e cultura, continuidade e descontinuidade⁷. Além disso, Stengers (2010: 356), tem a preocupação de não engessar a noção de cosmopolítica, mas sim flexibilizar o seu entendimento a partir de diferentes ângulos e de diferentes proposições filosóficas e ontológicas, pois para ela, “a cosmopolítica é um conceito especulativo e seus efeitos afetarão, antes de mais nada, a maneira pela qual nos compreendemos e compreendemos os outros em contraste com nós mesmos”, constituindo subjetividades políticas, assim como se produz subjetivadas cosmopolíticas⁸.

Eu diria, então, que como ingrediente do termo "cosmopolítica", o cosmos não corresponde a nenhuma condição, não estabelece nenhuma exigência. Coloca a questão dos possíveis modos não hierárquicos de convivência entre o conjunto das invenções da não equivalência, entre os valores e obrigações divergentes por meio dos quais se afirmam as existências emaranhadas que o compõem⁹. (STENGERS, 2010: 359)

Nesse sentido, Isabelle Stengers (2018) se posiciona argumentando que existe o caráter inseparável das proposições políticas e cosmopolíticas. Outrossim, se reconhece no debate de Stengers (2018: 451) as possibilidades de diferentes agentes sociais que requerem a presença legítima, ativa, objetora e propositiva de todas as coisas do cosmos; que implicam reconhecer as diferentes potencialidades no que se refere principalmente à ecologia política, às ideias; e aos saberes coletivos de outras “gentes” sem que possam trazer à tona e que nenhuma *expertise* particular se supõe poder ser suficiente para definir tudo de forma padronizada. Essas concepções corroboram para afirmar o quão os discursos de Sonia Guajajara estabelecem interseccionalidades constantes entre o uso cosmopolítico e etnopolítico, relacionados aos processos da macropolítica, porém, sempre buscando as suas bases cosmosociológicas de explicação.

Existem recursos bem estabelecidos no discurso da líder Sonia Guajajara caracterizados como operadores lógicos, por exemplo, a ligação com a ancestralidade e as bases ontológicas indígenas. Esses fatores inflam a constância da interseccionalidade entre cosmopolítica e etnopolítica, harmonizada de diferentes maneiras. Essa estratégia se assenta nos aspectos da pluralização do conhecimento, entendida como um conjunto de elementos associados, tais como a arte de falar com todos os tipos de “gentes”, as diferentes formas que se estabelecem entre as coisas do cosmos e os campos relacionais com diferentes bases epistemológicas. A pluralização do conhecimento e, sobretudo, a “pluralização da política”¹⁰ no sentido empregado por Cadena (2018), são fatores bem marcantes nas falas da ativista.

⁷ Para Cadena e Legoas (2014), que corroboram com as principais ideias defendidas pela filósofa Isabelle Stengers, ratificam o argumento central acerca da concepção de natureza/cultura, pois, para as autoras, a diferença que apresentam entre natureza e cultura é radical porque surge de circunstâncias que não se conformam em divisões que separam a humanidade e seus outros (cultura e natureza, o animado e o inanimado, material e espiritual) e normatizam o entendimento da vida moderna.

⁸ Tradução nossa: “Cosmopolitics is, of course, a speculative concept, and its effects will first of all affect the way in which we understand ourselves and understand others in contrast to ourselves”.

⁹ Tradução nossa: “I would say, then, that as an ingredient of the term "cosmopolitics," the cosmos corresponds to no condition, establishes no requirement. It creates the question of possible nonhierarchical modes of coexistence among the ensemble of inventions of nonequivalence, among the diverging values and obligations through which the entangled existences that compose it are affirmed”.

¹⁰ “Pensar por meio da pluralização da política não se destina a corrigir falhas dentro da política já existente — ou a “política como de costume”. Em vez disso, visa transformar o conceito que concebe a política como disputas de poder dentro de um mundo singular, levando a outro, que inclui a possibilidade de relações contraditórias entre mundos: uma política plural (CADENA, 2018: 29).

A invisibilidade secular que impacta e impactou diretamente as políticas públicas do Estado é fruto do racismo, da desigualdade e de uma democracia de baixa representatividade, que provocou uma intensa invisibilidade institucional, política e social, nos colocando na triste paisagem das sub-representações e subnotificações sociais do país. São séculos de violências e violações e não é mais tolerável aceitar políticas públicas inadequadas aos corpos, às cosmologias e às compreensões indígenas sobre o uso da terra. (Discurso de Posse no Ministério dos Povos Indígenas, 2022)

A pluralização da política, de acordo com Cadena (2019: 14), poderia inaugurar políticas diferentes (etnopolíticas), plurais não porque habilitadas por corpos marcados por gênero, raça, etnicidade ou sexualidade demandando direitos, ou por ambientalistas representando a natureza, mas porque elas trazem os seres-terra para a esfera do político e forçam o antagonismo que proscreveu seus mundos a se fazer visível. Portanto, aqui a política não é realizada como instrumento de poder, mas um pluriverso congruente, onde a obliteração dos povos indígenas causaria mazelas para o mundo; desse modo, o mundo e o Brasil precisam da existência dos povos originários.

Hoje, vocês todos estão presenciando um momento de transição histórica, tal qual foi a singular colaboração indígena, na Assembleia Nacional Constituinte. Naquela ocasião, um passo muito importante foi dado com o fim do paradigma integracionista e da tutela. Hoje, vocês presenciam um passo ainda maior com este Ministério dos Povos Indígenas e esperamos, com isso, fazer respeitar a nossa existência e o nosso protagonismo. O Brasil do futuro precisa dos povos indígenas. Tudo que tradicionalmente é chamado de cultura entre os brasileiros e brasileiras, para nós significa tudo que somos. É nosso modo de vida, nossa comida, nossos rituais, nosso uso da terra, nossas práticas e costumes, tanto aqueles mais cotidianos, quanto outros ritualizados. Cultura é também sinônimo de luta! Lembremos também o que estava sendo empurrado para o esquecimento: o Brasil é plural, é alegria, é colorido e solidário. (Discurso de posse no Ministério dos Povos Indígenas, 2022)

De acordo com Schmitt (2009: 27), o mundo não é uma unidade política, mas sim, um pluriverso político. O político tem que residir em suas próprias diferenciações extremas às quais se pode atribuir toda a ação política em seu sentido específico. Desse modo, essas acepções corroboram com as ideias de Stengers (2010: 356), quando assevera que a cosmopolítica não está enfaticamente “além da política”. Ela designa nosso acesso a uma questão que a política pode não se apropriar. Outrossim, Sonia Guajajara se apropria de mundos múltiplos e divergentes, que formam a base dos seus argumentos cosmopolíticos, os quais às vezes entram em choques paradoxais com as ontologias estabelecidas pelo Estado que opera à base do racionalismo científico, que tanto silenciou outras ontologias, outras falas propositadamente incompreendidas, mas resilientes e resistentes, como asseveram Sztutiman *et al.* (2020: 13):

Falas que criam vínculos com a floresta, que verticalizam as relações com os antepassados, que vivenciam e revelam memórias, tantas vezes ocultadas em contextos de contato mais intenso e violento com os não-indígenas.

As falas cosmopolíticas empregadas por Sonia Guajajara à semelhança do que se passa com a maioria das lideranças indígenas no Brasil e na América Latina como um todo, são caracterizadas pela ênfase no indivíduo emissor com prerrogativas de “dons” e “contra dons”. Estão, via de regra, apoiadas no conhecimento dos antigos, cujas exigências é nunca abandonar os caminhos trilhados pelos demiurgos, pelos ancestrais, mesmo com todos os paradoxos, como por exemplo, a maioria das narrativas da heroína mítica Tentehar *Mayra* e seus filhos gêmeos *Macura'yr* e *Mayra'yr*, que são completamente paradoxais, porém, existem imanências entre “gentes Tentehar” de ir muito além dos caminhos apontados por *Mayra* e sua prole (WAGLEY e GALVÃO, 1955; GALVÃO, 1996).

Em um mito Tentehar narrado por Wagley e Galvão (1955), uma mulher Tentehar trilhou caminhos longos até chegar à maloca das onças quando, então, cansada, com sede e desorientada, desmaiou. Todavia, ao despertar, foi intimidada pelas onças e, na ocasião, demonstrou a sua habilidade através do poder da fala, anulando os ataques mortais das felinas e escapando ilesa, regressando para sua aldeia original. Sonia Guajajara chegou às estruturas de poder estatal, pois o Estado é visto pelo prisma dos Tentehar como predador natural dos povos indígenas. No caso narrado, a maloca das onças poderia ser o próprio Estado. A questão é saber, assim como a narrativa mítica, se a mulher Tentehar poderá conter a fúria famigerada das onças, aqui representada pelo Estado. Relembrando um discurso da ativista proferido durante a 67ª Reunião da SBPC, o Estado é visto como famigerado e predador:

O Estado devora tudo e nós povos indígenas estamos sendo tragados vivo sem pena e sem piedade. É preciso ter cuidado com os povos indígenas, porque nós temos contribuído para que o mundo se torne melhor, nossas florestas estão em pé, nossos rios ainda possuem água limpa, nossa cultura serve e orienta, mas a fome que o capitalismo tem por nossas terras é insaciável. Mas nós vamos resistir, como já fazemos desde 1500. O caminho é distante e cheio de todos os tipos de gentes, mas para o meu povo Tentehar, a gente aprende o que é bom e depois retornamos para nossas aldeias para transmitir para o nosso povo o que a gente espera do mundo. (Sonia Guajajara, fala proferida na São Carlos, UFSCar, 2015)

Os discursos de Sonia Guajajara analisados podem desestabilizar a visão etnocêntrica do discurso hegemônico e, por conseguinte, exercitar sua subjetividade a favor da luta pela autonomia e pelo protagonismo dos seus compatriotas, mas, sobretudo, do feminismo indígena. A ativista Tentehar utiliza diferentes recursos retóricos justapondo-se entre ciências logocêntricas e as ontologias indígenas, caracterizando assertivamente o debate acerca dos conhecimentos pluriversos, pois se trata de epistemologias diferentes e cada uma delas possui espaço no debate acerca dos diversos fenômenos do cosmos e das diferentes “gentes” que fazem parte de espaços distintos, inclusive, os novos caminhos que Sonia está percorrendo dentro do Ministério dos Povos Indígenas.

Algumas considerações

O plano de interseccionalidade do discurso de Sonia Guajajara poder ser central na concepção que os Tentehar traduzem aos gêmeos Maira'yr e Mucura'yr, cujas peripécias se arrolam em estratégias de seguir trajetórias sabendo das contradições e dos paradoxos apresentados nos diferentes mundos, tempo e espaço.

Os discursos da ativista indígena, como demonstrados ao longo do texto, aparentemente simples, são, porém de extraordinária relevância analítica, obedecem a uma estrutura composta de diversas interseccionalidades, sobretudo, as proposições cosmopolíticas e o constructo etnopolítico, pois Sonia Guajajara utiliza diferentes recursos retóricos, inclusive das ciências logocêntricas, para pautar debates que congregam não apenas a pauta indígena, mas questões de interesse global.

Se o dom da fala impingido pelos ancestrais Tentehar à Sônia e o seu discurso interseccional se sobressair da maloca das onças – o Estado –, pode ser um sinal animador para outras lideranças indígenas ocuparem espaços de poder e exercer protagonismo feminino refletido em políticas públicas em prol dos povos indígenas, meio ambiente e desaceleração das agressividades que a Terra vem sofrendo

pela intervenção antropocena¹¹. Outrossim, Sonia Guajajara consolidaria sua potencialidade mítica no rol daquelas mulheres Tentehar que desafiaram a normalidade e transgrediram obstáculos das vicissitudes cotidianas, porém, é preciso ter cuidado para não resvalar no mito “O Tentehar e a filha do gavião”, que demonstra a tendência das alianças intersocietárias entre os Tentehar como perigosas, e que demonstram o quão são “presas” fácies de outras “gentes”. Isso não significa dizer que os Tentehar estão engessados a um universo mitológico no qual nada mudava e muito pouco acontecia de fato; pelo contrário, suas bases sociocosmológicas são operantes e dinâmicas e orientam para debates convergentes de temas transversais atuais.

Desse modo, é necessário levar esses discursos a sério. Como aponta Haraway (2021), é preciso fazer questionamentos instigantes que tocam diretamente aos processos relacionais dos povos indígenas com outras ontologias, sobretudo, as logocêntricas racionalistas. É possível, sim, nutrir conhecimento geral em mundos pós-coloniais comprometidos em levar as diferenças ontológicas com seriedade. Isso é o que Sonia Guajajara vem insistindo nos seus variados discursos, pois acreditar no poder da fala da mulher Tentehar pode ser acreditar o quão muitos caminhos ainda precisam ser trilhados.

*Recebido em 15 de setembro de 2023.
Aceito em 10 de fevereiro de 2024.*

Referências

- ALMEIDA, E.R.M. *A política vai à festa. Sagacidade e estratégia tentehar nas relações interétnicas*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2019.
- ANDRADE, Aliane, SILVA, Larissa. Representações no Instagram de duas mulheres indígenas brasileiras. *Revista Científica de Letras*, 2020.
- ARANHA, Aline de Oliveira. Sem palavra inspirada não há movimento: lições mbya de escuta e fala. *Revista Campos*, 21 (1), 2020.
- BLASER, Mario. Reflexiones sobre la ontología política de los conflictos medioambientales. *América Crítica*, 3 (2): 63-79.

¹¹ Sonia utiliza muito dos argumentos de Danowski (2019) quando debate os impactos do antropoceno para o planeta Terra.

- CADENA, Mirassol De la. Cosmolpolítica nos Andes. Reflexões conceituais para além da política. *Maloca Revista de Estudos Indígenas*, 2: 1–37, 2019.
- CARVALHO, Alíria. *Narrativas orais Guajajara: acervo cultural e textuais indígenas*. Dissertação de mestrado; PPLEL/UFJF, 2016.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Os mortos e os outros. Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- DANOWIKI, Débora. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2019.
- FERNANDEZ, Esther Frago. *Concepto de política y vida cotidiana*. Mimeografado, 2019.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours. Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Editions Gallimard, 1971.
- GALVÃO, Eduardo. *Diários de campo de Eduardo Galvão*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu do Índio/FUNAI, 1996.
- GOMES, Márcio P. *O índio na História: o povo Tenetehara em busca de liberdade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras. Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- LADEIRA, Maria Elisa. *Troca de nomes e troca de cônjuges. Contribuição ao estudo de parentesco Timbira*. Dissertação de mestrado, FFLCHL/USP, 1982.
- NASCIMENTO, Luiz A. *Prwncuj: drama social e resolução de conflitos entre os Apanjekrá-Timbira*. Porto Alegre: Editora FI, 2016.
- SCHMITT, Carl. *O conceito do político. Teoria do Partisan*. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.
- STERNERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 442-64, 2018.
- STENERS, Isabelle. *The cosmopolitical question. In Cosmopolitics II*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2010a.
- STENERS, Isabelle. *Cosmopolitics I. The science Wars*. London: University of Minnesota Press, 2010.
- SZTUTIMAN, Renato; VANZOLINE, Mariana; GIBRAM, Paola. Diplomacia cosmopolítica e os desafios da linguagem: perspectivas das terras baixas sul-americanas. *Campos*, 21 (1): 9-19, 2020.
- WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. *Os índios Tenetehara. Uma cultura em transição*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- ZANNONI, Cláudio. *Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara*. Brasília: CIMI, 1999.


PPGAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL

ISSN: 2358-5587

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE

DOSSIÊS APROVADOS 2025-2027

VOLUME 12, NÚMERO 28 (JANEIRO-ABRIL DE 2025)

Antropologias dos desertos: Ecologias, povos e cosmologias entre os vazios e as abundâncias de um mundo em transformação

Dra. Antonela dos Santos (Universidad de Buenos Aires, CONICET)

Dr. Gabriel Rodrigues Lopes (UFS)

Dr. Pedro Emilio Robledo (Universidad Nacional de Córdoba, CONICET)

VOLUME 12, NÚMERO 28 (MAIO-AGOSTO DE 2025)

Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas

Dra. Carolina Parreiras (USP)

Dra. Lara Roberta Rodrigues Facioli (UFPR)

VOLUME 12, NÚMERO 30 (SETEMBRO-DEZEMBRO DE 2025)

Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado

Dr. Fabio de Medina da Silva Gomes (Unemat)

Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

VOLUME 13, NÚMERO 31 (JANEIRO-ABRIL DE 2026)

Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis

Dra. Jane Felipe Beltrão, (UFPA)

Dra. Talytta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)

Dr. Almiros Martins Machado (PPGA)

VOLUME 13, NÚMERO 32 (MAIO-AGOSTO DE 2026)

Masculinidades, curso de vida e cuidado

Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)

Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)

Dr. Camilo Braz (UFG)

VOLUME 13, NÚMERO 33 (SETEMBRO-DEZEMBRO DE 2026)

Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades

Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)

Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)

As submissões serão abertas em torno de seis meses antes da data de publicação. Cadastre-se no portal da Revista Aceno para receber as notificações. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/index>